

A construção do sentido em textos do Orkut: argumentos do eu em favor de si mesmo

Julieane Pohlmann Bulla¹

Resumo: Este trabalho objetiva mostrar o processo de construção do sentido em textos descritivos onde o objeto de descrição é o próprio sujeito. É feita uma análise de um corpus coletado de perfis publicados no site de relacionamento ORKUT. Os textos foram escritos como resposta à pergunta “Quem sou eu?”, visando à apresentação pessoal para outros membros da comunidade virtual. Segundo a Teoria da Argumentação na Língua proposta por Ducrot (1987), há três elementos que constituem o ato enunciativo: sujeito empírico, locutor e enunciador. O sujeito empírico é o homem no mundo, a pessoa motivada a interagir com os outros. O locutor é o produtor de texto, o responsável pelas marcas subjetivas presentes no enunciado. Um enunciador, por sua vez, constitui a origem de um ponto de vista, é uma voz do não-dito e dialoga com outros enunciadores na construção do sentido. Com base nessa teoria, são lançados olhares aos sentidos que um “eu” atribui a si mesmo assumindo uma posição locutória para descrever o “eu”-empírico – o jovem participante do ORKUT. Esse sujeito empírico é, neste caso, um “eu” que se torna objeto do discurso do locutor – o jovem que se auto-descreve. A Polifonia – presença de diferentes enunciadores em um enunciado – povoa de forma essencial os textos em estudo e é também observada à medida que se constitui como elemento ímpar na construção do sentido.

Palavras-chave: Argumentação. Construção do sentido. Orkut.

Abstract: The purpose of this study is to present the construction process of the meaning in descriptive texts of which the object to be described is the subject itself. The analyzed *corpus* consists of two texts from profiles published on the Orkut website, written as an answer to the question “Who am I?”, aiming for personal introduction to other members of the virtual community. According to the Theory of Argumentation within language (DUCROT, 1987), there are three elements composing the enunciative act: empirical subject, speaker and enunciator. The empirical subject is the man in the world, the person who is motivated to interact with the others. The speaker is the text producer, the one who is responsible for the subjective clues in the utterance. An enunciator, in its turn, constitutes the origin of a point of view; it is a voice of the unsaid that dialogues with other enunciators in the construction of meanings. Based on this theory, the meanings cast by an “I” over itself in an elocutionary position in order to describe the empirical-I – the young Orkut user, are highlighted. In this case, the empirical subject is an “I” that becomes object of the speaker’s discourse – the self-describing person. The Polyphony – presence of different enunciators in an utterance – is constant all over the studied texts and can be also observed since it is a crucial element in the construction of meaning.

Key words: Argumentation. Construction of meaning. Orkut.

1 INTRODUÇÃO

A escritura tem sido uma constante preocupação na vida dos jovens que pretendem adentrar ao mundo acadêmico. A redação constitui-se como um dos principais critérios de seleção do vestibular e a dificuldade extrema de alguns

¹Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e doutoranda em Linguística pela mesma instituição. Bolsista do CNPq. E-mail: bullajp@gmail.com

candidatos em argumentar e defender seus pontos de vista ao longo de um texto gera discussões que vão bem além das salas de aula das escolas e dos cursinhos preparatórios. Inúmeros estudos apontam as limitações que jovens escritores têm em construir sentido de forma coesa e coerente quando solicitados a fazer texto. Mas como é construída a argumentação quando o texto é espontâneo? Como o sentido é desenvolvido quando o jovem escreve sobre si mesmo impulsionado por um desejo particular de comunicar sua imagem?

O objetivo do presente trabalho é verificar como se dá a argumentação em dois textos selecionados no site de relacionamento Orkut, sob a luz da Teoria da Argumentação na Língua de Oswald Ducrot (1987). O Orkut, comunidade virtual com mais de 57 milhões de membros, é muito mais do que lugar comum dos jovens, é onde cada um mostra de si o que bem quer, criando seu próprio perfil de apresentação. E um dos itens desse perfil é a pergunta “Quem sou eu?”, cujas respostas compõem os textos coletados para análise.

O corpus analisado, composto por dois textos publicados por jovens membros do Orkut, foi escrutinado com vistas a, além de desenhar os processos argumentativos com ferramentas da Teoria dos Blocos Semânticos, de Carel (1997) e Ducrot (2005), identificar através de marcas discursivas os elementos subjetivos do enunciado: o Sujeito Empírico, o Locutor e os Enunciadores (DUCROT, 1988). Esses Enunciadores, por sua vez, são responsáveis pela pluralidade de vozes habitantes no discurso, o que Ducrot (1988) chamou Polifonia.

1 A TEORIA

A ideia de que a argumentação está na língua começou a ser desenvolvida em 1983 com a publicação de Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre. Os conceitos referencialistas que se faziam presentes na maioria das pesquisas em linguagem foram contestados pelos autores, que acreditavam que a função principal da língua seria a argumentação. Ducrot e Anscombre ancoraram seu projeto teórico no Estruturalismo Saussuriano, dentro de uma Semântica Argumentativa. Para eles, a linguagem não é referencial, ou seja, ela não descreve o mundo tal qual ele é, mas o constrói no texto.

A construção do sentido se dá através da argumentação presente na língua e, para a Teoria da Argumentação na Língua (ANSCOMBRE; DUCROT, 1986), doravante, TAL, só a partir do linguístico é possível inferir sentido. A TAL reunifica a dicotomia língua e fala instaurada por Saussure (2000), passando a estudar o sistema em uso, sob a ótica de uma proposta Enunciativa. Tem-se, agora, uma noção empírica de enunciado, visto como uma realização única e irrepetível da frase – sendo esta considerada uma estrutura meramente teórica.

Para Saussure (2000), a língua é um sistema de signos, sendo cada um desses elementos composto por duas partes indissociáveis: o significado e o significante. Ele chega a comparar seu signo linguístico a uma folha de papel, com dois lados que formam uma coisa só, impossível de serem separados. É desse ponto que parte o fundamento da teoria que propõe uma semântica argumentativa, a TAL, que entende o

significado como algo inerente à língua, parte integrante do signo, mas também presente nas relações entre os signos. O signo de Saussure é, pois, puramente linguístico à medida que se desvela sempre dentro da língua, não tendo, portanto, relação com nada externo a ela.

Na perspectiva da TAL, um enunciado é, devido ao seu caráter essencialmente argumentativo, composto por duas partes: um argumento e uma conclusão encadeados por um conector prototípico *DONC*, que em língua portuguesa equivale a “portanto”, que pode estar ou não presente na frase, visto que está contido no nível proposicional do enunciado. Para ilustrar essa possibilidade da ausência física do conector:

(1) Está frio, não vamos sair. (frio DC² não sair)

Ducrot (2005) desenvolve essa estrutura com o objetivo de tornar menos vaga a teoria de Saussure no que tange a definição de significado, visto que para ele é paradoxal dizer que o significado está dentro do signo e, ao mesmo tempo, nas relações entre eles. A relação estreita entre argumento e conclusão, pois, dá-se de forma estrutural, só que agora com a presença do *DONC*. O valor argumentativo do léxico ou de um dos segmentos de um enunciado exige que a sua contraparte construa consigo uma relação harmônica de significação, respeitando o significado inerente à forma linguística.

O princípio basilar da teoria vem sendo defendido ao longo dos anos através do desenvolvimento de teorias complementares que melhor explicam os fenômenos da argumentação. Num segundo momento da TAL, entretanto, foi lançado o conceito de *topos* para explicar a relação semântica entre os segmentos de um enunciado, relação que mais tarde viria a ser desconstruída por Carel (1992). Segundo Ducrot e Anscombe (1995), haveria um lugar comum para a realização de um determinado enunciado, certa ideologia que rege a passagem de um argumento a uma conclusão. O *topos* apresenta as características de ser comum – compartilhado ou aceito como possível; geral, ou seja, adaptável a diferentes situações; e gradual, enquanto relaciona valores que argumentam em ascendência ou descendência. Por exemplo: o fato de que se uma pessoa normal come muitos doces, ela engorda. Essa ideia é consenso, e, assim, constitui um *topos*: pode-se dizer que quanto mais uma pessoa come doces, mais a pessoa engorda.

O declarado objetivo de Ducrot (2005) em manter seus princípios teóricos de que o sentido se baseia na argumentação apresentou uma fissura nesse segundo momento de sua teoria. A publicação da tese de Marion Carel em 1992 fez com que ele começasse a repensar esse conceito. O conceito de *topos*, segundo Carel (1992), envolvia preceitos que não são de ordem linguística, o que iria de encontro aos ideais Estruturalistas de Saussure, que defendem o estudo da língua a partir dela mesma. Por esse motivo, inaugura-se, a partir da tese de Carel (1992), a Teoria dos Blocos Semânticos, TBS.

² Abreviação do conector *DONC*.

O ponto fundamental da TBS é a unidade semântica. A argumentação de um enunciado constitui um sentido indivisível que é construído pelos discursos que as entidades linguísticas evocam. Esses discursos são chamados *encadeamentos argumentativos* e é a partir do encadeamento de dois segmentos ligados por um conector que se forma um bloco semântico. Uma forte interdependência semântica entre esses dois segmentos, argumento e conclusão, evidencia o caráter unitário do encadeamento.

Nessa terceira etapa da TAL, é admitida, entretanto, uma variação de conector entre os segmentos. Numa posição onde antes só eram permitidos conectores do tipo *DONC*, admite-se agora também aqueles do tipo *POURTANT*, que correspondem a “no entanto” na língua portuguesa. Os encadeamentos argumentativos podem ser do tipo normativo, aqueles com *DONC*, e do tipo transgressivo, aqueles com o conector prototípico *POURTANT*. Embora Ducrot (2005) ofereça destaque à importância do conector em um encadeamento discursivo, ele também diz que esse elemento pode estar ausente fisicamente da frase, o que pode ser mais bem compreendido quando prestamos atenção ao potencial argumentativo da palavra. Um exemplo inspirado em Carel (2002):

(2) O leão, instintivamente selvagem, não se adaptou à rotina de cão-guia.

A caracterização do leão como *instintivamente selvagem* não tem aqui uma função referencial, mas sim argumentativa. O objetivo não é dizer: *leão DC instintivamente selvagem* porque tal afirmação não teria função no discurso, à medida que o valor argumentativo de *leão* carrega intrinsecamente o fato de ser um animal selvagem por instinto. A omissão de um conector normativo na frase não descaracteriza o aspecto argumentativo do enunciado, visto que o conector está presente na argumentação do bloco semântico que o enunciado evoca. Assim:

(3) O leão é instintivamente selvagem, DC, não se adaptou à rotina de cão-guia.

Com base no exemplo acima, pode-se explicar dois conceitos importantes da teoria. Além da possibilidade da não-presença física do conector, é observável também a noção de *Argumentação Interna* e *Argumentação Externa*. Uma argumentação pode ser interna ou externa ao léxico (DUCROT, 1987) e pode ser interna ao enunciado (CAREL, 2002). O valor argumentativo de *instintivamente selvagem*, mesmo que o aposto fosse omitido no exemplo (2), seria passível de ser resgatado através do enunciado, dado que é parte da argumentação interna de *leão*. O bloco semântico *animal selvagem DC não dócil* funciona, assim, como uma paráfrase de *leão*, constituindo, portanto, uma argumentação interna ao léxico. Por outro lado, *leão DC não se adaptou à rotina de cão-guia* é uma argumentação externa do vocábulo *leão*, uma argumentação externa ao léxico. Por sua vez, o bloco *Leão DC Instintivamente selvagem*, configura a argumentação interna ao enunciado (2).

3 A POLIFONIA

Para estudar a construção do sentido através da TAL, seria impossível não voltar uma atenção especial à Polifonia, conceito trazido à linguística por Oswald Ducrot. O autor o desenvolveu no segundo momento da TAL, a partir da noção primeiramente exposta por Bakhtin (1981), que afirmava ser a palavra povoada pelas vozes de “outros”. O termo Polifonia fora trazido por ele para a Literatura a partir do original, que nomeia uma classe de composição musical na qual se sobrepõem diferentes partituras. Bakhtin utilizou a metáfora para postular que na palavra se sobrepõem diferentes vozes. Para ele, a palavra nunca é neutra porque ela contém pontos de vistas diversos e até mesmo o pensamento já contém outras vozes que podem ser decompostas da própria consciência individual.

Mikhail Bakhtin utilizou o conceito de polifonia para diferenciar dois tipos de Literatura: a Dogmática da Polifônica. Enquanto a Literatura Dogmática apresenta uma só voz, a do autor, a Literatura Polifônica é a chamada Popular, é carnavalesca, onde vários personagens apresentam seus pontos de vista. Ele classificou o romance de Dostoiévski como polifônico por serem seus textos permeados com diálogos interiores que revelam vozes diversas e esfacelamento de consciência das personagens, mesmo em trechos visivelmente monológicos. Ao ser trazido para Linguística, o termo Polifonia ganha mais plenitude ao passo que está em todo e qualquer ato enunciativo.

Na visão de Ducrot (1988), o autor nunca aparece escrachado, mas sim multifacetado em um conjunto de personagens. O sentido de um enunciado é, pois, para Ducrot, o complexo das várias vozes que o compõem. Três elementos do discurso são apresentados pela TAL: o sujeito empírico, SE, que é o sujeito no mundo; o Locutor, L, pessoa fictícia que assume a responsabilidade pelo ato enunciativo; e os Enunciadores, E1, E2, E3, que são as origens de diferentes pontos de vista que formam o enunciado.

Em muitos discursos e até mesmo pela influência de outras teorias, algumas vezes o Sujeito Empírico pode ser confundido com o Locutor, elementos de natureza discordante em Ducrot. Segundo ele, pode até haver um enunciado sem L, como é o caso dos provérbios, mas nunca sem SE. Nos provérbios, o que acontece é um apagamento das marcas pessoais e quem o diz intui preservar um anonimato que atribui o dito a uma comunidade que nele acredita. Por outro lado, pode-se transferir a responsabilidade de um discurso pessoal a um L de forma a manipular o poder inerente à palavra, mesmo que esse L seja o nome próprio que representa o SE. Ducrot (1988) apresenta um exemplo em que o general De Gaulle profere o seguinte enunciado:

(4) “Nada pode supor que De Gaulle abandonará os interesses da França.”

Não dizer “eu” neste caso afasta o compromisso do SE com a palavra. Quem proferiu o enunciado (4)? De Gaulle, o general? Ou o L-personagem que fala objetivamente do general? Enunciar “eu” no lugar de seu nome próprio, segundo

Ducrot, faria o enunciado parecer um compromisso pessoal. Ao apagar as marcas pessoais, o general (SE) fazia parecer que o enunciado era responsabilidade da história.

Enquanto o SE e o L se configuram, respectivamente, como ser do mundo e ser do discurso, os Enunciadores representam as origens de diferentes pontos de vista apresentados em um enunciado. Concluindo a partir de princípios da TAL e já de conhecimento da TBS, os Enunciadores são blocos de sentido paralelos ao enunciado, responsáveis pela Polifonia, dentro dos quais o L encontra aquele ou aqueles com os quais se identifica.

4 A METODOLOGIA

Para Ducrot (1988), descrever o sentido de um enunciado é responder a várias perguntas, entre elas: O enunciado contém a função L? A quem se atribui essa função? Quais são os diferentes pontos de vista expressados e quais são as diferentes funções do E presentes no enunciado? A quem se atribui eventualmente essas funções?

Neste trabalho são analisados dois textos que respondem à questão Quem sou eu? em páginas pessoais do site de relacionamento Orkut. Os textos são escrutinados em sua totalidade, a fim de verificar como se dá a construção do sentido. A análise em blocos semânticos é feita para elucidar a argumentação e apontar vozes de enunciadores que marcam o caráter polifônico do discurso.

5 A ANÁLISE

O Orkut é uma rede social com mais de 55 milhões de usuários em todo o mundo, sendo que uma fatia de 29 milhões desse bolo é composta por pessoas que se declaram brasileiras. O objetivo do site é ajudar seus membros a conquistar novos amigos e a preservar antigos relacionamentos. No entanto, uma das facetas de um ambiente virtual é a facilidade com que seres humanos podem criar máscaras e assumir perfis diversos longe das ameaças da crítica de uma sociedade real.

A proposta das análises que seguem não é o resgate desse sujeito mundano que se expõe e se disfarça em um jogo de cenas virtuais, inclusive porque esse elemento do discurso não interessa à teoria que faz-se ferramenta deste trabalho. O que se quer buscar aqui é a assunção por um locutor da responsabilidade por descrições de sujeitos empíricos, mostrando como a língua reconstrói esses sujeitos. Busca-se descrever a construção do sentido através da língua, por ela e a partir dela.

Ao ingressar no Orkut, os usuários montam um perfil que é dividido em três seções: 1) Social, onde o sujeito pode falar um pouco de si mesmo ao responder à pergunta “Quem sou eu?” e preencher campos com características que o inserem ou não em determinados grupos, como gostos, livros preferidos, músicas, programas de TV e filmes; 2) Profissional, com informações sobre carreira e nível de instrução; e 3) Pessoal, onde o indivíduo apresenta informações físicas sobre si mesmo e descreve o tipo de pessoa com quem ele gostaria de se relacionar. Os textos selecionados para análise são respostas à pergunta do perfil social de usuários do Orkut.

Texto 1: Quem sou eu?

“Quem se define, se limita.”

Tomando a TBS para descrever o sentido do encadeamento, tem-se:

- 1) definição DC limitação
- 2) definição PT³ não limitação
- 3) não definição DC não limitação
- 4) qualquer pessoa DC eu
- 5) qualquer pessoa DC tu

A argumentação contida no enunciado acima pode ser analisada sob diferentes pontos de vista, dada a natureza polifônica da língua. Apesar de não haver marcas da presença de um locutor – característica comum aos provérbios, de acordo com Ducrot (1988), pode-se preencher os espaços deixados pelo pronome *quem* com uma gama de personagens, a começar pelo *eu* que se enuncia. São inferências possíveis com base no valor argumentativo do léxico no enunciado, ou seja, a partir da AI de *quem*. Os blocos 4 e 5 representam paráfrases possíveis de *quem*, visto que o pronome é uma espécie de signo vazio, preenchível com seres animados e, de acordo com o cotexto, seres racionais que são capazes de descrever a si mesmos.

Mantendo a análise relacionada com o cotexto, percebe-se que a pergunta *Quem sou eu?* – feita ao locutor cujo enunciado está em foco – não é satisfeita. Do ponto de vista da Polifonia, a argumentação do enunciado *Quem se define se limita*⁴ mostrada a partir dos enunciadores 1, 2 e 3, aponta a identificação do locutor com o E3, exatamente pelo fato de que a pessoa não se define, ou seja, não responde à pergunta sobre quem ela é e, portanto, não se limita.

Texto 2: Quem sou eu?

1. Há menina da fto⁵ =D~
2. Cassia da Silva Meirelles⁶
3. Prazer ^^
4. → Aquela que sempre faz as coisas que quer e muitas vezes se da mal, mas isso não importa.
5. aquela quetinha com mil pensamentos e sonhos. aquela que dança totalmente louca em uma
6. festa só pra provocar quem não gosta. aquela que é capaz de fazer tudo por

³ Abreviação para *pourtant* (no entanto).

⁴ Não repito aqui a vírgula presente no enunciado por estar aquela em desacordo com a língua padrão.

⁵ foto

⁶ Nome alterado.

uma amizade. 7. aquela que fala e faz bobagens sem pensar e depois volta atraz. Eu sou aquela que

8. todo mundo pensa que conhece, mas que no fundo nem eu mesma me conheço.!

9. → ETERNAMENTE³ COLORADA \o/

10. minha comunidade:

11. <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=103597>

12. Nossa Música Eu e Mamy:

13. Perhaps love

14. http://postcards.ig.com.br/index.php?step=pickup&cs_id=bd60e6a8363368

O presente texto é permeado de marcas subjetivas e objetivas à medida que o locutor incorpora a pergunta ao seu texto e, ao mesmo tempo, parece sobrepor dois locutores para garantir um afastamento do objeto de descrição, como vemos na linha 4. Quando o locutor diz *aquela*, mostra estar observando o SE como que a um objeto, com certa distância, apagando as marcas pessoais como fazia o general De Gaulle em seu discurso à massa. Os próximos quatro enunciados começam com *aquela* deixando elíptica a marca de assunção do discurso pessoal *eu sou* que só vem a ser retomado no quinto enunciado: *eu sou aquela que todo mundo pensa que conhece (...)*.

A incorporação da pergunta ao texto é percebida já na linha 1, onde há uma resposta direta a ela. O locutor busca referentes que parecem não bastar como resposta e ele vai, assim, desenrolando um processo descritivo que apela a recursos diversos: da apresentação visual do SE (*a⁹ menina da foto*), passando pela apresentação social (dizendo o nome e *prazer*), pela apresentação de aspectos da personalidade, até o recurso do interdiscurso. São apresentados *links* dando entrada a outros textos que podem conter informações sobre quem é o sujeito que se quer fazer conhecido.

A partir da linha 4, a descrição afastada do sujeito argumenta em favor de uma imagem que se quer preservar. Tem-se ali um enunciado com dois encadeamentos articulados por *mas*. Tomando o primeiro encadeamento, pode-se observar:

- 1) sempre faz o que quer DC muitas vezes se dá mal
- 2) não faz sempre o que quer DC não se dá mal
- 3) sempre faz o que quer PT não se dá mal
- 4) não faz sempre o que quer PT muitas vezes se dá mal

O conjunto dos blocos de 1 a 4 apresenta origens de pontos de vista que o encadeamento evoca, quatro enunciadores responsáveis pela polifonia¹⁰, sendo que o locutor se identifica com o enunciador 1. Outros enunciadores, no entanto, orientam

⁷ Endereço alterado.

⁸ Endereço alterado.

⁹ No texto em análise, é observado o verbo *há* no lugar que deveria ser preenchido por um artigo definido *a*. Não é de interesse deste trabalho, no entanto, a avaliação de desvios à norma culta, principalmente porque, no caso em questão, o sentido do enunciado é perfeitamente resgatável pela estruturação sintática e pela vizinhança lexical.

¹⁰ A Polifonia não será estudada em todos os enunciados do texto pois, embora presente em todos, muitas vezes faz-se necessário privilegiar o estudo da argumentação do enunciador com o qual o locutor se identifica.

para um implícito, origem de mais pontos de vista. A identificação do locutor se dá com o E presente em 5:

- 5) sempre faz o que quer DC é feliz
- 6) sempre faz o que quer PT não é feliz
- 7) não faz o que quer DC não é feliz
- 8) não faz o que quer PT é feliz

O segundo encadeamento do enunciado, *isso não importa*, contém toda a ideia do primeiro encadeamento retomada por uma anáfora conceitual *isso*. Pode-se dizer, então, que a ideia do primeiro encadeamento serve de sujeito para *não importa*. A desimportância que o locutor dá ao fato de que se dá mal por fazer sempre o que quer continua argumentando em favor do implícito mostrado por vozes de diferentes enunciadores, dentre as quais o locutor busca identificação com:

- 9) não se importa em se dar mal ao fazer sempre o que quer DC é feliz

No primeiro enunciado da linha 5, tem-se um encadeamento normativo em DC:

- 10) quietinha DC com mil pensamentos e sonhos

Justaposto, iniciado ainda na linha 5, o enunciado *aquela que dança totalmente louca em uma festa só para provocar quem não gosta* apresenta encadeamentos em DC:

- 11) dança totalmente louca DC provoca quem não gosta
- 12) não gosta de alguém DC provoca essa pessoa

O enunciado *aquela que é capaz de fazer tudo por uma amizade* argumenta para uma conclusão implícita:

- 13) capaz de fazer tudo por uma amizade DC boa pessoa

O bloco em 13 intui conduzir o leitor à aprovação do caráter do SE que está sendo descrito.

Na linha 7, vê-se que o enunciado *aquela que fala e faz bobagens sem pensar e depois volta atrás* argumenta em PT para contribuir na direção de preservar a imagem pessoal. Tomados os blocos:

- 14) fala e faz bobagens PT age sem pensar
- 15) fala e faz bobagens sem pensar PT depois volta atrás

Veem-se em 14 e 15, respectivamente, duas justificativas para as atitudes do sujeito (admitidas por ele mesmo como sendo erradas, dada às AIs de *falar bobagens* e *fazer bobagens* – dizer algo inadequado DC ferir e fazer algo inadequado DC ferir).

O enunciado *eu sou aquela que todo mundo pensa que conhece, mas que no fundo nem eu mesma me conheço* resgata a marca pessoal e de assunção *eu sou* que se mantivera oculta nos últimos enunciados e se decompõe nos seguintes blocos:

- 16) eu sou aquela que todo mundo pensa que conhece PT no fundo nem eu mesma me conheço
- 17) eu sou aquela que todo mundo pensa que conhece PT não conhece
- 18) no fundo nem eu mesma me conheço PT deveria me conhecer

Na linha 9, observa-se um enunciado que parece incompleto do ponto de vista da TAL. Trata-se de uma asserção cujo conteúdo semântico não apresenta argumentação e é simplesmente descritiva. As asserções desprovidas de argumentação podem ser um problema a nível textual em muitas situações, como na redação do vestibular, por exemplo. Aqui, no entanto, o uso é válido à medida que o objetivo do texto é caracterizar e descrever.

Nas linhas 10 e 11, vê-se o apelo ao interdiscurso quando o locutor apresenta um *link* para a comunidade¹¹ construída no Orkut para o SE. No que segue, mais conteúdo informativo e janelas de acesso a outros textos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou mostrar a argumentação presente em textos publicados por jovens no site de relacionamento Orkut. A Teoria da Argumentação na Língua foi uma ferramenta válida de análise principalmente por ser ela uma teoria enunciativa, que procura explicar as marcas do sujeito no texto. As análises foram feitas no nível do enunciado, dentro do que propõe a teoria, e o resgate do sentido foi feito através da identificação do locutor com determinados enunciadores emergidos da língua. As incipientes análises aqui apresentadas mostram que saber se comunicar é saber argumentar e que a defesa de um ponto de vista é ancorada na relação entre argumento e conclusão, seja a combinação normativa, em DC, ou transgressiva, em PT.

Dois textos extremamente diferentes foram objetos deste estudo. O primeiro, composto por um só enunciado, apresentava um apagamento do sujeito locutor, que defendia seu ponto de vista de forma a entregá-lo ao senso comum, através de um uso proverbial. Ao lançar mão daquele argumento, o locutor evitava responder à pergunta que lhe fora direcionada. O segundo texto também expõe uma dificuldade com a descrição do *eu*. O locutor faz diversas tentativas em delimitar o sujeito empírico, objeto da descrição, desde o apelo ao símbolo/ícone da fotografia, passando pela apresentação social, também pela descrição de personalidade, até o recurso do interdiscurso. Foi no trecho em que se esboça uma descrição comportamental do SE, entretanto, que se observaram traços mais precisos e típicos da argumentação.

¹¹ O Orkut contém comunidades que funcionam como fóruns de interesses comuns. No entanto, alguns usuários criam comunidades para declarar sentimentos por outras pessoas, comunidades essas que podem receber membros que concordam com o seu conteúdo.

Apesar de terem sido percebidos em ambos os textos muitos desvios à norma culta, principalmente no que tange à ortografia, esse olhar não foi explorado, visto que os desvios não significaram incompreensão do sentido impresso naqueles usos. Os textos analisados são argumentativos, o que é mostrado através de encadeamentos argumentativos que constituem a estrutura semântica do texto e da relação do locutor com os diferentes enunciadores. A combinação da complexidade do objeto de que se fala – o ser humano – com o já complexo ato de definir configura um jogo desafiador, do qual só o sujeito munido da língua, enquanto ferramenta de argumentação, pode participar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSCOMBRE, Jean-Claude. DUCROT, Oswald. L'argumentation dans la langue. Langages, Paris, n. 42, p.5-27, 1986.

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. 2a ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

CAREL, Marion. Argumentação Interna aos Enunciados. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 27-43, set. 2002.

CAREL, Marion. L'argumentation dans le discours: argumenter n'est pas justifier. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 23-40, mar. 1997.

DUCROT, Oswald. Introducción: Conferencia 1. In: CAREL, Marion. DUCROT, Oswald. La Semántica Argumentativa: Una introducción a la teoría de los bloques semánticos. Buenos Aires: Ediciones Colihue, 2005. p. 11-25.

DUCROT, Oswald. **O Dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

DUCROT, Oswald. Polifonía y argumentación. Calli: Universidad del Valle, 1988.

ORKUT. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut> . Acessado em jun. 2007.

ORKUT. Disponível em: www.orkut.com , acessado em jun. 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

Recebido em 08/10/2009

Aceito em 19/11/2009